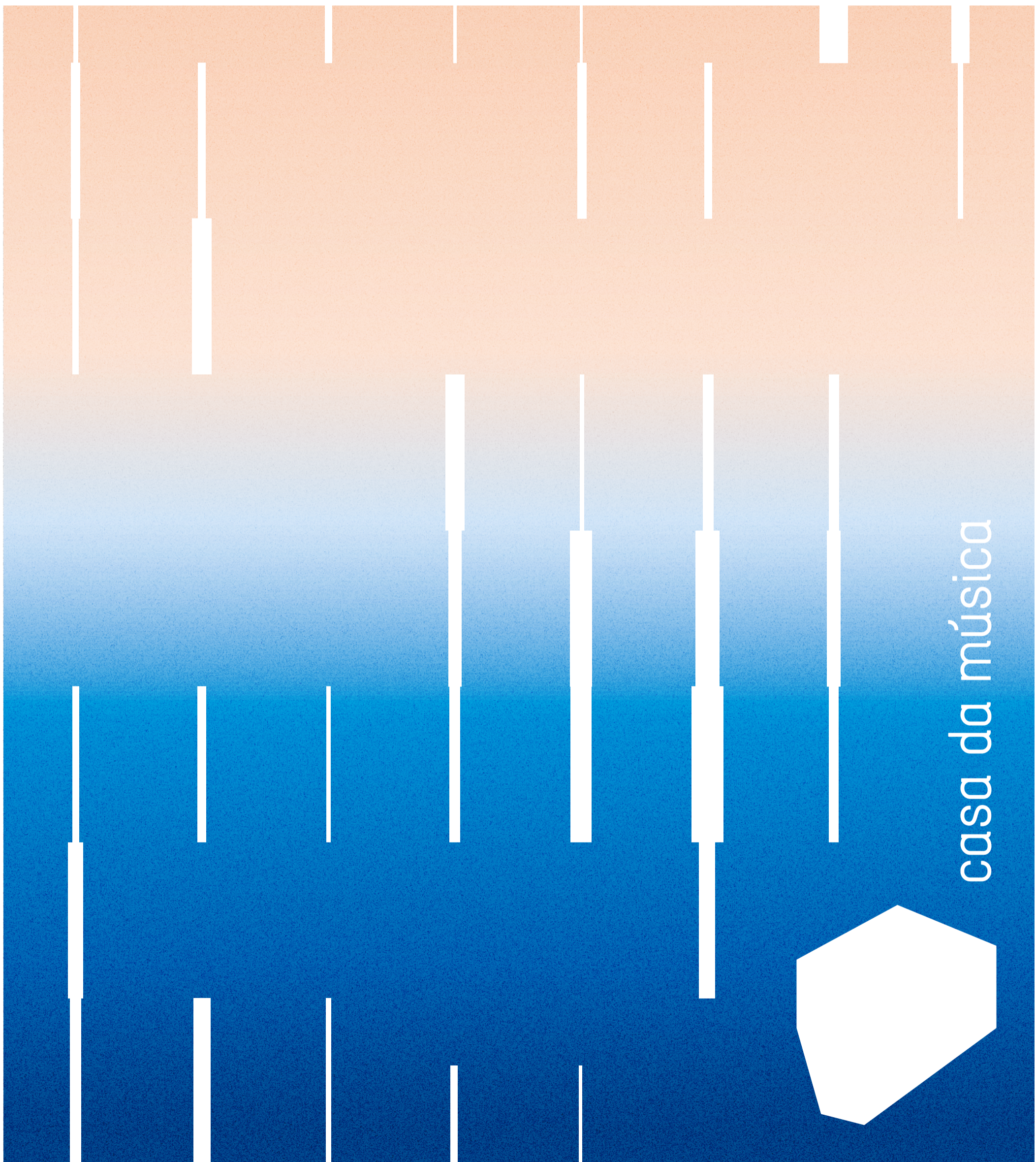


partitura



casa da música

DESEMBRULHANDO OS MISTÉRIOS DA MÚSICA

“Março liga a noite com o dia, o Manel co’a Maria, o pão com o pato e a erva com o sargaço”. Assim reza o provérbio, não sem algum mistério. Não será nesta Partitura que iremos desvendar todos os mistérios da existência, mas há temas que tentaremos retirar da sombra. Na Tónica abordamos uma patologia pouco falada, que afeta muitos milhares de cidadãos, e como o poder terapêutico da música a pode tornar menos penosa: a afasia. Noutro registo, vale a pena determo-nos numa saborosa conversa entre dois músicos oriundos de estilos tão distantes como o jazz e o fado. João Paulo Esteves da Silva e Ricardo Ribeiro discretamente com humor e inteligência, eles que serão protagonistas dum concerto inédito com a Orquestra Jazz de Matosinhos lá para o fim do mês.

O papel determinante das bandas filarmónicas na vida musical e no ensino da música nas mais recônditas zonas do país merece o devido destaque nesta terceira edição da Partitura e é tema para o 2.º módulo do Curso Livre de História da Música deste ano. Sobre o tema, fala quem sabe, como é o caso de André Granjo. Nas páginas centrais, não será preciso saber ler música para descobrir na rubrica Pauta a agenda de concertos e atividades de um mês particularmente recheado, com momentos imperdíveis da grande música portuguesa dos mais diversos géneros e tempos – ou não fosse este ano a temporada dedicada a Portugal. A música de

António Pinho Vargas, Pedro Amaral, Luís Antunes Pena, do “residente” Vasco Mendonça e de José Joaquim dos Santos – um dos grandes do barroco tardio português – será defendida com

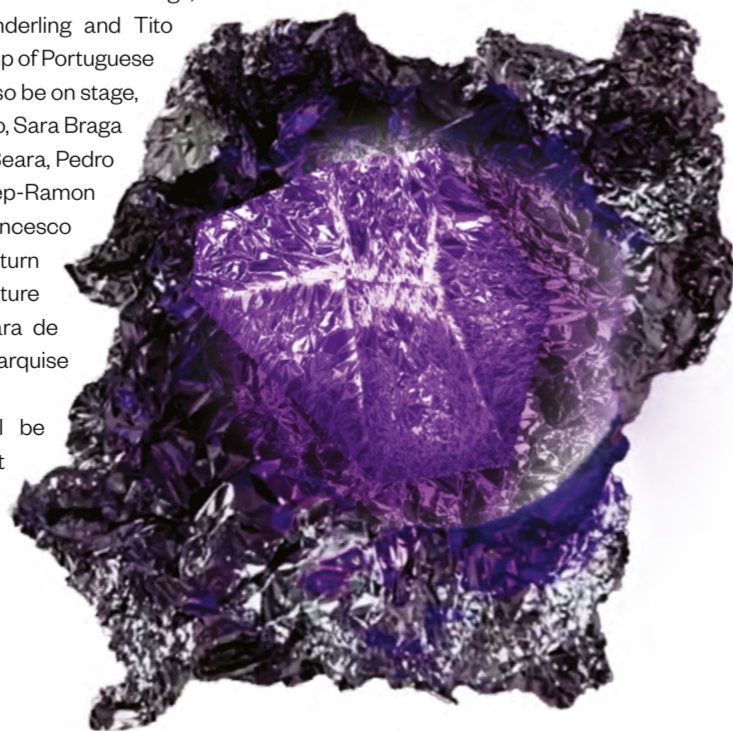
a competência e o nervo da Orquestra Sinfónica, do Remix Ensemble e da Orquestra Barroca Casa da Música, tanto quanto o grande repertório internacional. Para isso, contamos com maestros de grande craveira, tais como os nossos Stefan Blunier e Laurence Cummings, Andrew Gourlay, Michael Sanderling e Tito Ceccherini. Um naipe notável de solistas portugueses e internacionais também estarão em palco, destacando aqui Nuno Vaz, Nuno Aroso, Sara Braga Simões, André Baleiro, Joana Seara, Pedro Castro, Rowan Pierce, Josep-Ramon Olive, Jonathan Ayerst ou Francesco Dillon. Na música popular, é de saudar o regresso dos Taxi, de Future Rocks e Future Jazz e os concertos de Cara de Espelho, Hugo Lobo Trio e Marquise.

Os amantes do grande pianismo irão poder reencontrar-se com uma das grandes revelações dos últimos tempos, Seong-Jin Cho. “Março, marçagão...”. E pronto!

UNWRAPPING THE MYSTERIES OF MUSIC

“March connects night with day, Manel with Maria, bread with duck and grass with sargassum”. So goes the proverb, not without some mystery. It won't be in this Partitura that we'll unravel all the mysteries of existence, but there are themes that we'll try to bring out of the shadows. In Tónica we'll address a little-talked-about sequela that affects many thousands of citizens, and how the therapeutic power of music can make it less painful: aphasia. Elsewhere, it's worth stopping for a tasty chat between two musicians from styles as far apart as jazz and fado. João Paulo Esteves da Silva and Ricardo Ribeiro discreetly share their wit and humour, as they will be the protagonists of an unprecedented concert with the Orquestra Jazz de Matosinhos at the end of the month. The decisive role of philharmonic bands in musical life and music teaching in the most remote areas of the country deserves due prominence in this third edition of Partitura and is the subject of the 2nd module of this year's Open Course in Music History. Those in the know, such as André Granjo, speak on the subject. On the centre pages, you won't need to know how to read music to discover the agenda of concerts and activities for a particularly busy month, with unmissable moments of great Portuguese music from the most diverse genres and times – or this year's season wouldn't be dedicated to Portugal.

The music of António Pinho Vargas, Pedro Amaral, Luís Antunes Pena, the “resident” Vasco Mendonça and José Joaquim dos Santos – one of the greats of the late Portuguese Baroque – will be defended with the skill and nerve of our Orquestra Sinfónica, Remix Ensemble and Orquestra Barroca, as well as the great international repertoire. To this end, we are counting on conductors of the highest calibre, such as our own Stefan Blunier and Laurence Cummings, Andrew Gourlay, Michael Sanderling and Tito Ceccherini. A remarkable line-up of Portuguese and international soloists will also be on stage, including Nuno Vaz, Nuno Aroso, Sara Braga Simões, André Baleiro, Joana Seara, Pedro Castro, Rowan Pierce, Josep-Ramon Olive, Jonathan Ayerst and Francesco Dillon. In popular music, the return of Taxi, Future Rocks and Future Jazz and the concerts by Cara de Espelho, Hugo Lobo Trio and Marquise are to be welcomed. Lovers of great pianism will be able to meet one of the great revelations of recent times, Seong-Jin Cho. “March, March...”. That's it!



AO ALCANCE DE TODOS

25 março — 26 abril



FERNANDO PESSOA NAS ENTRELINHAS DA INCLUSÃO

O que é a afasia? Poucos saberemos que se trata de “uma perturbação da linguagem adquirida subitamente por lesão neurológica nas áreas específicas em que ela é processada”, como explica Paula Valente, diretora do Instituto Português da Afasia (IPA). “Não afeta a inteligência, mas lesa a comunicação verbal (oral e escrita) e a não-verbal, tendo consequências como a disfunção familiar, a perda da autonomia, o isolamento social, o desemprego e o desequilíbrio emocional”, esclarece, apoiando-se em estudos oficiais para estimar que haja “mais de 40 000 portugueses com afasia” e que “30% dos sobreviventes de AVC” passem a sofrer desta patologia crónica. O IPA associou-se ao Serviço Educativo da Casa da Música para construir um espetáculo interpretado por cidadãos com afasia. *Em Pessoa* (27 de março, 19:00, sala 2), inserido na edição deste ano do festival Ao Alcance de Todos, “utiliza como princípio de ação o poder terapêutico da música junto dos participantes, tanto ao nível da reabilitação neurológica (promoção da neuroplasticidade), como socioemocional (socialização, bem-estar, humor, diminuição da depressão) e psicomotora (recuperação e melhoria de funções cognitivas e motoras)”, adianta Paula Valente, também terapeuta da fala, que especifica algumas das virtudes deste projeto: “Valoriza e promove as qualidades dos indivíduos, trazendo o foco para o bem-estar e não para as dificuldades inerentes à sua condição, ou seja, procura normalizar uma questão-chave na afasia: embora o ato de proferir palavras depois do AVC possa ser frustrante, cantar é, pelo contrário, uma forma poderosa de a pessoa continuar a expressar-se por palavras, sem dificuldade e com prazer. Acredito que irá motivar e energizar os participantes para persistirem com resiliência nos desafios do dia-

FERNANDO PESSOA BETWEEN THE LINES OF INCLUSION

What is aphasia? Few people know that it is “a language disorder acquired suddenly due to neurological damage in the specific areas where language is processed,” as Paula Valente, director of the Portuguese Aphasia Institute (IPA), explains. “It doesn't affect intelligence, but it does damage verbal (oral and written) and non-verbal communication, with consequences such as family dysfunction, loss of autonomy, social isolation, unemployment and emotional imbalance,” she explains, relying on official studies to estimate that there are “more than 40,000 Portuguese with aphasia” and that “30 per cent of stroke survivors” suffer from this chronic condition. The IPA has teamed up with the Casa da Música Educational Service to put on a show performed by people with aphasia. *In Pessoa* (27 March, 19:00, sala 2), part of this year's Ao Alcance de Todos festival, “uses the therapeutic power of music with the participants as its principle of action, both in terms of neurological rehabilitation (promotion of neuroplasticity) and socio-emotional (socialisation, well-being, mood, reduction of depression) and psychomotor (recovery and improvement of cognitive and motor functions),” says Paula Valente, also a speech therapist, who specifies some of the virtues of this project: “It values and promotes the qualities of individuals, bringing the focus to wellbeing rather than the difficulties inherent in their condition, i.e. it seeks to normalise a key issue in aphasia: while the act of uttering words after stroke can be frustrating, singing is instead a powerful way for the person to continue expressing themselves in words, without difficulty and with pleasure. I believe it will motivate and energise participants to persist with resilience in the challenges of everyday life and rehabilitation. I also hope it can bring people with aphasia and stroke survivors closer to their formal and informal carers and the community,

promoting cathartic encounters, on stage and off.” To make society aware of what aphasia is, demonstrating the role of music and singing in the rehabilitation of a life that is much bigger than it is, that is the brief purpose of *In Pessoa*, a show with artistic conception by Sofia Teixeira. But the creator sums it up better than anyone: “It reminds us that aphasia is a common reality, from which not even those who live around words – as Baudelaire and Stendhal remind us – are unaware. So we started from the premise that Fernando Pessoa, one of the greatest creators of words in Portuguese, is among us and, faced with his own condition of aphasia, joins the Portuguese Institute of Aphasia (IPA), formally enrolled by myself and Inês Luzio, with whom I share the development of this project, to learn, together with a group that brings together some of the greatest experts in aphasia – who are, of course, people with aphasia themselves – that life goes far beyond words. Through a process of humanising Mr. Pessoa, we will present a set of musical conceptions in which we have sought to express and share human dimensions that, even throughout this poet's work, words can do little about.” Jorge Prendas, coordinator of Casa da Música's Education Service, is proud to talk about Ao Alcance de Todos, which this year runs until the end of April. “It's much more than a festival labelled in time. It's an artistic construction that, year after year, since 2007, has given many communities the opportunity to develop artistic projects at Casa da Música that, as a rule, favour collective creation.” Convinced that “the stage is the real space for inclusion, because everyone is an artist there, regardless of their physical, intellectual or social characteristics”, Prendas recalls that, in the 2024 edition, in addition to the aforementioned *In Pessoa*, “there is also the *Sonorama* workshop, designed for institutions dedicated to people with special needs, and the *April* show, made with the Association of Disabled Members of the Armed Forces, Balletteatro students and trainees from the Musical Animators Training Course”. This is a festival with a very unique vocation, but open to all, in which music is not only the end, but also a means – differentiated by its universality – to promote inclusion and harmony in the world.

“A MÚSICA E A POESIA NÃO SÃO DESTE MUNDO”

Em conversa com o Partitura, Ricardo Ribeiro e João Paulo Esteves da Silva falam sobre as suas muitas afinidades, tendo como pano de fundo o concerto que os junta, no dia 30, à Orquestra Jazz de Matosinhos.

P – Se não estou errado, os vossos caminhos cruzam-se pela primeira vez em 2016, no álbum *Hoje é assim, amanhã não sei*. Passados oito anos, já sabem dizer se amanhã também será assim?

RR – Queres começar tu, João?

JPES – É melhor, senão tu dizes logo as verdades todas. Eu já não me lembro muito bem se não houve qualquer coisa antes, julgo que teremos feito um espetáculo.

RR – Fizemos, sim senhor. Foi em 2015, teve a ver com Os Dias da Música, no CCB. Mas, independentemente disso, há uma coisa importante para mim que quero dizer à frente do João, uma coisa da verdade. Eu já antes o admirava imenso, ouvia a música dele e queria trabalhar com ele,

mas sentia que não tinha capacidade, até que um músico de quem também tenho a felicidade de ser contemporâneo, o Carlos Manuel Pureza, disse que isso era uma estupidez e iniciou os contactos. A partir daí tem havido esta partilha da música e do espírito. Quanto a mim, é para continuar, a não ser que um dos dois morra. O que é uma inevitabilidade.

JPES – Eu pensava que tu ias dizer só verdades, mas já disseste mentiras. Que não tinhas capacidade para cantar comigo é uma mentira. Eu mal conheci o Ricardo percebi que ele não é só um cantor. O Ricardo tem qualquer coisa a mais do que isso, a sensação de trabalhar com ele é a de trabalhar com um músico. Ele tem uma sabedoria de músico, conhece a música por dentro, compõe, sabe como a música

funciona. Foi uma das coisas que desde o início facilitaram a nossa colaboração, e espero que continue assim ao longo do tempo.

P – Um aspeto comum a ambos é a **propensão natural para expandirem as vossas linguagens, de tal modo que acabaram por se encontrar. Pode inferir-se daqui que entre o fado e o jazz há mais afinidades do que vulgarmente se julga?**

JPES – É uma pergunta difícil, porque implica que se defina primeiro o que são essas duas coisas estranhíssimas: fado e jazz. Se as entendermos em sentido restrito ou puro, a resposta é não, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Agora, como são pessoas que as praticam, as músicas viajam. O Ricardo dirá de si, mas eu posso assegurar que não sou só um músico de jazz, sou de várias coisas ao mesmo tempo. E o Ricardo, apesar de ser um dos maiores fadistas da nossa Terra, também não é só do fado. Ele tem essa tendência para sair do fado, como eu tenho para sair do jazz. O querer sair de definições restritas é uma das coisas que temos em comum. A nossa musicalidade faz com que sejamos chamados por outras músicas. É claro que tanto o jazz para mim como o fado para o Ricardo são coisas que marcam a nossa vida, fazem parte de nós, estão nas formas do nosso corpo e na maneira de habitar-mos o tempo, quase como cicatrizes, se quisermos ser um bocadinho mais expressionistas.

RR – É exatamente isso, não tenho muito a acrescentar. Apesar de o jazz e o fado, obviamente no sentido mais puro, como diz o João, não terem nada a ver um com o outro. A composição é totalmente diferente, o acompanhamento, os ambientes criados para as canções do jazz e do fado são completamente distintos. No meio disto tudo, há um problema muito comum aqui em Portugal, que é os artistas serem crucificados porque experimentam coisas fora do que as pessoas se habituam a ouvi-los cantar. Aconteceu com o nosso álbum *Respeitosa Mente*. Muita gente não enten-

de que um tipo não é uma coisa só, é várias coisas ao mesmo tempo, e que eu sempre fui habituado a ouvir música de outras paragens, música que quase ninguém ouve. Automaticamente, não posso viver só no fado. Isto sem prejuízo de, como disse o João, serem formas que nos marcam – a minha maneira de andar é uma maneira de andar fadista, a minha maneira de falar é uma maneira de falar fadista, a minha graça é uma graça fadista. Quanto ao facto de em Portugal se achar que um músico tem de ser assim ou assado e não poder ser muitas coisas ao mesmo tempo, parece-me uma herança que temos do mundo árabe. Deixaram-nos muitas coisas boas, os árabes e os sefarditas, mas também algumas más, e uma delas é essa crucificação assente na ideia de que tens de ser só aquilo e deixares-te estar quieto. Não me-xas no tempo senão espantas os pardais.

“Há músicas que viajam e se casam. Umas casam na terra, outras casam longe, e têm descendência.”

—João Paulo Esteves da Silva

P – É curioso mencionares isso porque a **sensação que se tem quando se ouve qualquer um de vocês é a de que há novos territórios a serem revelados, no modo como vocês os descobrem, os sentem, os assimilam. A música é também uma forma de aprenderem geografia?**

RR – A própria música é a geografia toda. Se olharmos para a música de uma forma mais interior, mais por dentro, não só no sentido matemático, ela reúne toda a geografia do mundo, porque se trata do som, da codificação e descodificação do som. Eu costumo dizer que sou um português com algumas formas de pensamento dos portugueses do século XVI, que queriam levar qualquer coisa para o mundo mas também

trazer qualquer coisa do mundo com que pudessem ir recriando este pequeno retângulo. E toda a geografia, como toda a geometria sagrada, está envolvida com a música. Se olharmos para uma partitura, quando vemos a música toda ela tem o desenho do mundo, das linhas retas às parabólicas. Para mim é muito fácil encontrar a geografia quando oiço música de qualquer parte do mundo, porque a primeira coisa que tento fazer é não a descodificar com o sistema que aprendi, que é o sistema ocidental, mas de uma forma interior, geométrica e geograficamente.

JPES – A relação entre a música e a geografia é muito interessante. Não sou especialista, mas também sinto isso. Há músicas mais marcadas pelo território do que outras. E depois também há músicas que viajam e se casam. Umas casam na terra, outras casam longe, e têm descendência. Eu, por exemplo, quando oiço o Ricardo cantar fado sei que estamos no sítio onde eu estou agora, a Mouraria.

P – E há também a questão da língua, outra coisa que vos une: **tenho a ideia de que o João Paulo, embora seja mais conhecido pela música instrumental, é uma pessoa muito ligada à língua portuguesa e às suas origens, tal como o Ricardo, cujo interesse pelas palavras se revela até na maneira como canta. Sentem que essa identificação com a língua impacta na forma como fazem música?**

JPES – Escrever é uma parte importante daquilo que eu faço, mesmo à margem da música. As duas coisas nem sempre estão ligadas no mesmo plano. Às vezes estou a escrever, não estou a tratar de música. Mas depois há aquele momento de fazer conviver no mesmo tempo e no mesmo sítio as palavras e a música. Escrever canções é toda uma arte, e eu e o Ricardo temos de facto essa comunhão, a paixão pelas palavras, pelos poemas, a sensibilidade às palavras. Há pessoas que só escrevem letras, outras que só escrevem música, e há pessoas que escrevem letra e música, como é o nosso caso, não é, Ricardo?

RR – É, embora eu não escreva com a tua arte, nem com a tua regularidade.

JPES – Lá estás tu, não digas essas coisas.

RR – Eu digo o que eu quiser, então agora?! [risos] Todas as palavras têm música dentro, têm um som. Eu gosto muito de linguística e, em particular, de etimologia, interessa-me ler sobre várias línguas. Se olharmos para o hebreu, em que o João é um especialista, a primeira letra significa a casa. Portanto, a palavra é sempre a casa. Depois, se repararmos, por exemplo, na letra h, ela tem muito a ver com a música, o homem entre duas colunas, na horizontal, a matéria, etc., isso tem a ver com a música, com determinadas notas. E as próprias palavras têm uma música dentro, têm um som que se coaduna com elas. Eu nunca vi ninguém compor para a palavra amor com um intervalo de quarta. Porquê? É uma coisa interessante, não é?

JPES – Vou experimentar.

RR – [risos] A palavra pode criar, mas também pode destruir. E é nesta ambiguidade que ela depois é todo um mundo, e que se coaduna com a música. E a música também pode criar e destruir. Portanto, acho

que elas não andam muito separadas uma da outra.

JPES – Estão completamente juntas. Quem já teve filhos, que é o teu caso, reparará que a primeira coisa que sai do bebé é música. Os bebés cantam, e sobre essa música de fundo vêm imiscuir-se as palavras. E depois é muito interessante, conforme as regiões – lá está a geografia – os sons são diferentes. Eu comprovei que os bebés portugueses começam a cantar com uma vogal diferente da dos bebés franceses. Tive dois bebés franceses e ambos começaram a cantar com “e”, ao passo que os portugueses normalmente começam com “a”, ou seja, logo aí são encaminhados para um certo tipo de língua.

P – Mas depois a gente cresce e interessa-se por outras, como é o vosso caso. **Curiosamente, enquanto o Ricardo tem escavado a ancestralidade árabe do fado, o João Paulo explora a relação entre a música portuguesa e a música sefardita de raiz tradicional, traduz poesia hebraica, publica em Israel... Isso não vos faz sentir de forma particular o atual conflito no Médio Oriente?**

JPES – Este conflito é uma coisa que me faz sofrer e, se calhar, não é o momento de falar sobre ele. O que posso dizer sobre a minha maior afinidade ao hebraico e a do Ricardo ao árabe é que, em termos de música e poesia, não há qualquer conflito. O problema é quando a música pára, quando é preciso lidar com as coisas materiais do dia-a-dia, da política, dos territórios, dos impérios, da liberdade e da falta dela, dos movimentos coletivos, das pessoas, das cegueiras, das mentiras... Isso é a história humana desde o início, e o ser humano tem lados muito pouco simpáticos, que não são música nem poesia. Caso contrário, não seríamos humanos, seríamos anjinhos. Parece que a música e a poesia são uma espécie de lembranças ou profecias de qualquer coisa que não é bem a nossa realidade, daí a razão de sermos atraídos por elas. Sem elas não conseguíamos viver aqui, mas elas estão noutra mundo. Ajudam-nos a suportar este, mas não são daqui, porque músicos árabes e judeus podem reunir-se a qualquer momento e tocar maravilhosamente em conjunto e depois levantarem-se e irem uns para um lado e outros para outro e matarem-se. São dois níveis diferentes. Se a música e a poesia pudessem servir de exemplo para as relações humanas era bom, mas até hoje ainda não se consegui, o que se consegue é uma espécie de intermitência entre elas e a violência.

RR – É, embora eu não escreva com a tua arte, nem com a tua regularidade.

JPES – Lá estás tu, não digas essas coisas.

“Eu nunca vi ninguém compor para a palavra amor com um intervalo de quarta. Porquê? É uma coisa interessante, não é?”

—Ricardo Ribeiro

RR – Eu concordo inteiramente com o João, só há aqui um aspeto que é importante definir: uma coisa é um muçulmano, outra é um árabe. Um árabe pode ser muçulmano ou não, um judeu é um judeu, e um hebreu, ou um israelita, pode não ser



judeu, pode ser muçulmano ou até cristão. Mas o problema que nós temos e teremos sempre é o problema do poder. Enquanto não o vencermos não acabaremos com os conflitos. E a música não tem definições de poder nem de hierarquia. Eu, como músico e cantor, não estou interessado em ter poder em coisa nenhuma. Tenho é a necessidade de que a música e a poesia se apoderem de mim.

P – Isso que dizem está em consonância com a **dimensão espiritual emanada pela vossa música. Acontece que agora, neste concerto, têm ao lado nada mais nada menos que uma big band, cujo efeito pode ser ampliar essa espiritualidade ou simplesmente esmagá-la. Como é que estão a lidar com o novo elefante na sala?**

RR – Desculpa a minha prepotência e arrogância, mas não será fácil esse esmagamento. É que nós, mesmo sendo só dois, somos muito fortes. [risos]

JPES – Não, à partida a ideia de uma big band a tocar a nossa música pode, de facto, parecer uma aberração, mas sendo a big band que é, que já deu provas de poder



tocar outras músicas, e olhando às pessoas que fazem os arranjos, à sua sensibilidade, ao seu espírito aberto, à relação que têm connosco e ao facto de serem portugueses também, não há razões para recear que este desafio não resulte em algo muito bom.

RR – Vai seguramente ampliar essa espiritualidade, porque quem está a fazer os arranjos, quando ouvir “Na tua voz de regresso/O amor em fim de processo/Tinha tão calmo o olhar”, não querará cometer qualquer aberração. Eu acho que vai ser uma experiência maravilhosa. Aliás, já estou em pulgas para começar.



VOANDO SOBRE UM NINHO DE MÚSICA



Por HUGO LOBO*

Tive a sorte de crescer numa loja de música. Podia escolher qualquer instrumento e trocar no dia seguinte, podia rodear-me de música à hora que quisesse e, se o meu pai era professor, tive chance de assistir a aulas e questionar tudo, desde como se escrevia uma tarola na pauta à transcrição de melodias e polirritmos. Talvez por isso tenha escolhido começar pela bateria, admirava o meu pai e ele era o melhor baterista, pedagogo, mentor e impulsor do meu talento e da minha vontade de aprender. O piano falou mais alto quando comecei a tocar com o meu irmão mais novo, formámos uma banda os dois e tocávamos todo o tipo de repertório, desde as bandas preferidas do meu pai, como Pink Floyd, Eagles, Supertramp, Genesis, entre outras, ao boogie woogie improvisado em cima do palco. Foi por essa altura que recebi o meu primeiro instrumento, um Hammond, órgão esse com que ainda hoje toco em projetos com alguns dos meus músicos portugueses pre-

feridos. Pedro Neves foi o professor de piano que me acompanhou quando entrei para o Conservatório de Música da Jobra. Menciono o nome dele porque foi o meu primeiro contacto direto com a arte do piano jazz e porque muitas vezes dou por mim a refletir sobre citações e ideias que ele me transmitiu. Mudar-me para Lisboa fez com que tivesse a oportunidade de, desde o início, trabalhar e aprender com alguns dos melhores músicos do país. Vi todos os concertos que podia, ia a todas as jams e marquei todo o tipo de sessões. Encarilhou-se tudo quando assegurei a jam da Fábrica Braço de Prata, onde aproveitei a oportunidade para convidar todos os músicos que admirava para tocarmos juntos, não repetindo nenhum trio e aprendendo com todos um pouco. A regularidade dos concertos começou pouco tempo depois. Foi no último ano que tive a primeira experiência de gravação em estúdio. Gravar com músicos como o guitarrista Bruno Santos ou com a banda Mr. Monaco – que me deu o privilégio de gravar algumas composições originais – foi o

que delineou o início da minha discografia. Guardo algumas das minhas composições para gravar no final deste ano com o meu trio, parte das quais vamos apresentar neste espaço tão histórico e onde muitos dos meus heróis já tocaram. Ao longo do tempo, a minha visão da música foi alargando, conheci o fado em Alfama, o Indie nos festivais, a MPB em sessões e discos, o pop em concertos e o hip hop quando me preparava para tocar com o artista Slow J. E se tudo parecia tão distante da quantidade de jazz que eu consumia, a música passou a ser uma só. Aos 21 anos vejo-me com a mesma paixão pela música que aquele miúdo de 7 anos na loja do seu pai. Estão por vir os discos, estão por vir os projetos, estão por pôr em prática algumas ideias e conceitos, mas até aqui tenho tido a sorte de conhecer e trabalhar com músicos e artistas que me motivam a ser melhor todos os dias.

* concerto dia 19 de março.

FLYING OVER A MUSIC NEST

By HUGO LOBO*

I was lucky enough to grow up in a music shop. I could choose any instrument and swap it for another the next day, I could surround myself with music whenever I wanted and, as my father was a teacher, I had the chance to attend lessons and question everything from how to write a snare drum on the staff to transcribing melodies and polyrhythms. Perhaps that's why I chose to start with the drums, I admired my father and he was the best drummer, pedagogue, mentor and driving force behind my talent and my desire to learn. The piano took over when I started playing with my younger brother. The two of us formed a band and played all kinds of repertoire, from my father's favourite bands, such as Pink Floyd, Eagles, Supertramp, Genesis, among others, to improvised boogie woogie on stage. It was around this time that I received my first instrument, a Hammond, an organ with which I still play today in projects with some of my favourite Portuguese musicians. Pedro Neves was the piano teacher who accompanied me when I joined Conservatório de Música da Jobra. I mention his name because he was my first direct contact with the art of jazz piano and because I often find myself reflecting on the quotes and ideas he passed on to me. Moving to Lisbon gave me the opportunity to work with and learn from some of the best musicians in the country right from the start.

I saw all the concerts I could, went to all the jams and booked all kinds of sessions. It all came to a head when I secured the jam at Fábrica Braço de Prata, where I took the opportunity to invite all the musicians I admired to play together, not repeating any trio and learning a little from everyone. The regularity of the concerts began shortly afterwards. It was in my final year that I had my first experience of recording in a studio. Recording with musicians like guitarist Bruno Santos or the band Mr Monaco – with whom I had the privilege of recording some original compositions – was what shaped the beginning of my discography. I'm saving some of my compositions to record at the end of this year with my trio, some of which we're going to perform in this historic venue where many of my heroes have played. Over time my vision of music has broadened, I've come to know Fado in Alfama, Indie at festivals, MPB at sessions and discs, pop at concerts and hip hop when I was preparing to play with the artist Slow J. And if it all seemed so far away from the amount of jazz I was consuming, music became one. At 21, I find myself with the same passion for music as that seven-year-old in his father's shop. Records are yet to come, projects are yet to come, ideas and concepts are yet to be put into practice, but so far I've been lucky enough to meet and work with musicians and artists who motivate me to be better every day.

*concert on 19th march

BANDAS FILARMÓNICAS: 200 ANOS DE MÚSICA EM COMUNIDADE



André Granjo, formador do 2.º módulo do Curso Livre de História da Música, levanta o véu sobre a ordem de trabalhos, num artigo revelador da importância das bandas filarmónicas

“Banda Filarmónica”, por vezes apenas “Banda de Música”, “Banda Civil”, “Filarmónica” ou só “Música”, é a designação dada a uma Orquestra de Sopros e Percussão de estrutura amadora que se alicerça numa comunidade. A nível social, estas instituições musicais são geralmente organizadas e administradas com base no modelo das Sociedades Filarmónicas criado no século XIX. A maior parte das vezes estas estruturas têm uma Escola de Música que alimenta a Banda, têm um maestro que por vezes acumula o papel de coordenador da Escola e uma direção administrativa responsável por aspectos mais logísticos e de produção, como organizar concertos, assinar contratos para atuações, cuidar da vida financeira da sociedade, do marketing, etc. Em algumas destas coletividades a música não é a única atividade oferecida à comunidade.

Em Portugal este é um fenómeno de âmbito nacional, presente tanto nas zonas rurais como urbanas, que se desenvolveu rapidamente com os ideais liberais pós-Revolução Francesa, sobretudo após a criação da Sociedade Filarmónica de Concertos de Lisboa, em 1822. Apesar de alguns períodos de crise, sempre foi um dos mais importantes suportes musicais, tanto pela sua versatilidade performativa como pela sua capacidade de socialização e representação social. As estimativas apontam para a existência de mais de 600 bandas em Portugal e, de acordo com um inquérito feito em 2001 pela Direção Regional de Cultura do Centro, esta designação engloba agrupamentos de 17 a 83 músicos. As bandas apresentam-se geralmente com uniformes personalizados e reconhecíveis, incluindo chapéu, e muitas vezes usando insígnias para distinguir e identificar a comunidade à qual pertencem. Os músicos são quase todos amadores, no sentido em que a música não é a sua carreira, não obstante o facto de, ao longo dos últimos 30 anos, um número crescente de

músicos destas bandas procurar formação musical em escolas oficiais de música, elevando assim a sua qualidade técnica e o potencial musical de uma forma bastante notória.

O repertório destes conjuntos é extremamente eclético, indo de arranjos de música tradicional e popular a linguagens eruditas mais vanguardistas. Esta variedade de repertório é uma das características mais fascinantes da banda, pois dá-lhe a capacidade de agradar a um público extremamente amplo e, ao mesmo tempo, ajudar a unir a música de esferas diversas e às vezes opostas num espaço de apelo popular que a banda ainda personifica. Os contextos de atuação destes grupos refletem ainda mais este apelo generalizado: bandas apresentam-se na rua, tocam em procissões religiosas, acompanham a missa em festividades religiosas, realizam concertos ao ar livre em parques e praças, realizam concertos em auditórios e teatros, prestam apoio musical a cerimónias cívicas, touradas, bailes, desfiles carnavalescos, eventos sociais e desportivos, etc.

Apesar da generalização do fenómeno, existem algumas especificidades geográficas no que diz respeito aos contextos de atuação das bandas: as bandas das zonas urbanas tendem a realizar mais concertos em espaços fechados e a tocar no exterior apenas para cerimónias cívicas, as bandas das zonas rurais do Sul tocam mais em touradas e em festividades religiosas e as bandas rurais do Norte estão mais inclinadas a fazer concertos ao ar livre e em recintos fechados e a atuar em festividades religiosas. Esta capacidade “camaleónica” da Banda Filarmónica é, no entanto, a razão pela qual se ajustou e sobreviveu durante tantas décadas e o que nos tranquiliza quanto à sua continuidade em constante evolução no futuro.

André Granjo, trainer of the 2nd module of the Open Course in Music History, lifts the veil on the agenda in an article revealing the importance of philharmonic bands

“Philharmonic Band”, sometimes just “Music Band”, “Civil Band”, “Philharmonic” or just “Music”, is the name given to a Wind and Percussion Orchestra with an amateur structure that is based in a community. On a social level, these musical institutions are generally organised and run on the model of the Philharmonic Societies created in the 19th century. Most of the time, these structures have a Music School that feeds the Band, a conductor who sometimes plays the role of coordinator of the School, and an administrative board responsible for more logistical and production aspects such as organising concerts, signing contracts for performances, looking after the financial life of the society, marketing, etc. In some of these organisations, music is not the only activity offered to the community. In Portugal, this is a nationwide phenomenon, present in both rural and urban areas, which developed rapidly with the liberal ideals following the French Revolution, especially after the creation of the Lisbon Philharmonic Concert Society in 1822. Despite some periods of crisis, it has always been one of the most important musical media, both for its performance versatility and its capacity for socialisation and social representation.

Estimates point to the existence of more than 600 bands in Portugal and, according to a survey carried out in 2001 by the Regional Directorate of Culture of the Centre, this designation encompasses groups with between 17 and 83 musicians. The bands

generally present themselves in personalised and recognisable uniforms, including hats and often wearing insignia to distinguish and identify the community to which the band belongs. The musicians are almost all amateurs in the sense that music is not their career, despite the fact that, over the last 30 years, an increasing number of musicians in these bands have sought musical training at official music schools, thus raising the technical quality and musical potential of these bands quite noticeably.

The repertoire of these ensembles is extremely eclectic, ranging from arrangements of traditional and popular music to the most avant-garde classical languages. This variety of repertoire is one of the band's most fascinating characteristics, as it gives them the ability to please an extremely wide audience and, at the same time, help unite music from diverse and sometimes opposing spheres in a space of popular appeal that the band still embodies. The contexts in which these groups perform further reflect this widespread appeal: bands perform in the street, play in religious processions, accompany mass at religious festivals, perform open-air concerts in parks and squares, give concerts in auditoriums and theatres, provide musical support for civic ceremonies, bullfights, balls, carnival parades, social and sporting events, etc.

Despite the generalisation of the phenomenon, there are some geographical specificities with regard to the contexts in which bands perform: bands from urban areas tend to perform more concerts indoors and only play outside for civic ceremonies, bands from rural areas in the south play more at bullfights and religious festivities and rural bands in the north are more inclined to play outdoor and indoor concerts and perform at religious festivities. This “chameleon-like” capacity of the Philharmonic Band is, however, the reason why it has adjusted and survived for so many decades and what reassures us that it will continue to evolve in the future.

fotos (da esq. para a dir.): Filarmónica Euterpe, Banda Municipal de Santarém, Sociedade Filarmónica Ferreirense, Banda da Legião Portuguesa (Pinhel), Banda Marcial de Fermentelos, Sociedade Recreativa Musical Loriguense, Sociedade Filarmónica Euterpe Meaiviense, Sociedade Recreativa Musical Loriguense e Filarmónica do Crato.

BASCHET

Um instrumento peculiar para descobrir no concerto Entre as Brumas da Memória (12 de março), que junta o Remix Ensemble Casa da Música ao trio Ruído Vermelho



Inventado pelos irmãos Bernard e François Baschet, em meados dos anos 50, o baschet tem como principal característica a espacialização sonora. Não há dois iguais no mundo, cada modelo é único. Ao contrário de algumas criações que combinam vidro e são tocadas diretamente com os dedos humedecidos, o baschet que se encontra na Casa da Música foi construído com peças metálicas e é tocado com baquetas, tendo sido especialmente encomendado para *A memória, manual de instruções*, partitura de Luís Antunes Pena. O raro instrumento pode ser ouvido a 12 de Março, na Sala Suggia, naquela que é a estreia nacional da obra.

Invented by the brothers Bernard and François Baschet in the mid-1950s, the Baschet's main characteristic is its sound spatialisation. There are no two alike in the world, each model is unique. Unlike some creations that combine glass and are played directly with wet fingers, the baschet at Casa da Música was built with metal parts and is played with drumsticks, having been specially commissioned for *A memória, manual de instruções*, score by Luís Antunes Pena. The rare instrument can be heard on 12 March at the Sala Suggia, in what is the work's national premiere.

ARTIGO DO MÊS ITEM OF THE MONTH



Livro Duplo Casa da Música (versões em português e inglês)
Casa da Música Double Book (Portuguese and English versions)
€ 40

INFORMAÇÕES GERAIS

DESCONTOS GERAIS*

Cartão Amigo 25% (aplicado a toda a programação da Temporada 2024)

DESCONTOS *

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Remix Ensemble Casa da Música, Orquestra Barroca Casa da Música, Coro Casa da Música, Coro Infantil Casa da Música e Ciclo Piano
Juniiores (<30 anos) 50%
Estudante universitário 50%
Professores e estudantes de música 50%
Cartão BPI 20%
Seniores (> 65 anos) 15%

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Ciclo Sinfónica ao Domingo

Desconto Cartão Continente: na compra de um bilhete para adulto, oferta de duas entradas para menores de 18 anos

* +info: casadamusica.com

SERVIÇOS

Edifício, Bilheteira e Loja Abertos diariamente das 09:30 às 18:00. Em dias de espetáculo, o edifício permanece aberto até ao final do mesmo e a bilheteira e a loja até meia hora após o seu início.

Tel.: 220 120 220 (Chamada para a rede fixa nacional) | info@casadamusica.com

Bengaleiro A Casa da Música dispõe de um serviço gratuito de bengaleiro, disponível em todos os dias de espetáculo.

Loja Enquanto aguarda pelo início do espetáculo, ou durante o intervalo, aproveite para visitar a nossa loja.

Café Aberto diariamente das 09:00 às 22:00.

Se desejar ser incluído na nossa mailing list, envie um e-mail para: info@casadamusica.com

A programação e os preços apresentados nesta agenda poderão estar sujeitos a alterações. Os preços anunciados nesta brochura são válidos salvo erro tipográfico.

call center +351 220 120 220

info@casadamusica.com

GENERAL INFORMATION

GENERAL DISCOUNTS*

25% Friend Card (applied to the entire 2024 Season programme)

DISCOUNTS *

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Remix Ensemble Casa da Música, Orquestra Barroca Casa da Música, Coro Casa da Música, Coro Infantil Casa da Música and Piano Series
Junior (< 30 years) 50%
University student 50%
Music teachers and students 50%
BPI Card 20%
Senior (> 65 years) 15%

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Symphony on Sunday

Continente Card discount: when you buy an adult ticket, you get two tickets for children under 18.

*+info: casadamusica.com

SERVICES

Building, Ticket Office and Shop Open daily from 09:30 to 18:00. On show days, the building remains open until the end of the show and the box office and shop until half an hour after its start.

Tel: 220 120 220 (Call national landline) | info@casadamusica.com

Café Open daily from 09:00 to 22:00.

If you would like to be included on our mailing list, please send an e-mail to: info@casadamusica.com

The programme and prices shown in this brochure may be subject to change. The prices advertised in this brochure are valid unless there is a typographical error.

call center +351 220 120 220

info@casadamusica.com

ANO DE PORTUGAL



COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA

O Presidente da República

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS



PATROCINADOR



APOIO

